

FORMAÇÃO, JORNALISMO

ESPECIALIZADO E

COMUNICAÇÃO

ORGANIZACIONAL: uma
entrevista com Wilson Bueno

Entrevista

Interview

Entrevista

Francisco Gilson Rebouças Porto Junior^{1, 2}

Entrevista realizada em 30 de agosto de 2016, com o Wilson da Costa Bueno, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP - Universidade Metodista de São Paulo (mestrado e doutorado) e ex-professor de Jornalismo (Jornalismo Científico, Jornalismo e Saúde, Jornalismo em Agribusiness e Meio Ambiente) da Escola de Comunicações e Artes da USP. O prof. Bueno foi presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), coordena e participa ativamente de grupos de discussão nas áreas de Jornalismo Científico, Comunicação Empresarial e Jornalismo Ambiental. Foi o primeiro doutor em Jornalismo Científico do Brasil.

Recebido em: 05.09.2016. Aceito em: 30.09.2016. Publicado em: 30.10.2016.

¹ Pós-Doutorando em Jornalismo e Sociedade (FAC-UnB). Bolsista de Produtividade UFT 2016. Doutor em Comunicação (UFBA) e professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT). E-mail: gilsonporto@uft.edu.br.

² Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal do Tocantins. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) da Universidade Federal do Tocantins – UFT Campus Palmas. Avenida NS 15, 109 - Plano Diretor Norte, Palmas - TO, Brasil. CEP: 77001-090.

Wilson da Costa Bueno em mestrado e doutorado em Comunicação pela USP e especialização em Comunicação Rural (USP/Ministério da Agricultura). É professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP - Universidade Metodista de São Paulo (mestrado e doutorado) e ex-professor de Jornalismo (Jornalismo Científico, Jornalismo e Saúde, Jornalismo em Agribusiness e Meio Ambiente) da Escola de Comunicações e Artes da USP. Já orientou mais de uma centena de dissertações de mestrado e teses de doutorado em Comunicação nas áreas de Comunicação Empresarial, Jornalismo Científico, Comunicação Rural e Comunicação e Meio Ambiente. Foi editor de revistas técnicas e científicas, é editor de vários sites temáticos em Comunicação/ Jornalismo , nas áreas de Comunicação Empresarial, Comunicação em Agribusiness e Meio Ambiente, Jornalismo Científico e Comunicação para a Saúde. Coordena o grupo de pesquisa Comunicação Empresarial no Brasil: uma leitura crítica, vinculado à UMESP e cadastrado no CNPq. É coordenador também do curso de Comunicação Empresarial (Lato sensu) da UMESP. Consultor na área de Comunicação Empresarial, diretor da Comtexto Comunicação e Pesquisa e da Mojoara Editorial. Pioneiro no Brasil em trabalhos de auditoria de imagem das organizações e na realização de congressos em Comunicação Empresarial pela Comtexto.

Rev. Observ.: Fale um pouco de sua trajetória profissional e acadêmica. Qual(is) o(s) ponto(s) mais importante(s) em sua construção acadêmica?

Wilson Bueno: Minhas áreas de atuação, no sentido amplo, do ponto de vista acadêmico e profissional, são o Jornalismo Especializado (jornalismo científico, em saúde, ambiental e rural) e a Comunicação Organizacional/Empresarial. Meu doutorado, na ECA/USP, foi o primeiro no país a ter como objeto de investigação o Jornalismo Científico, e ele já incluía uma perspectiva essencialmente crítica. No

momento, a Comunicação Organizacional/Empresarial representa o meu foco de orientação no Programa de Comunicação Social da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. Considerando todas as orientações já concluídas (mestrado e doutorado) na USP (aposentei-me lá em 2008) e na UMESP (onde continuo ativo por cerca de 35 anos) elas somam quase 120 no total e estão inseridas nestas duas áreas. Tenho prestado consultoria nestes dois campos, notadamente no segundo nos últimos anos, com atenção ao processo de elaboração de Políticas de Comunicação para empresas, institutos e universidades brasileiras. Acho essencial não me afastar do mercado, da realidade, embora sinta que há preconceito de alguns setores e de alguns colegas com respeito a essa aproximação.

Rev. Observ.: Dentre as suas diversas produções, que reforçam a área da Comunicação, como as questões de formação são tratadas?

Wilson Bueno: A questão da formação ocupa papel importante na minha atuação e reflexão nestas áreas, simplesmente porque tenho observado a ausência, em boa parte das instituições, do estímulo ao espírito crítico e essa lacuna tem comprometido em parte a literatura e a prática em Jornalismo Especializado e Comunicação Organizacional/Empresarial. Assumo uma perspectiva de militância enquanto docente, pesquisador e profissional nestas áreas, cobrando, quase sempre, uma atuação mais crítica, mais incisiva dos docentes e profissionais, sobretudo no que diz respeito à denunciar a omissão das autoridades, o poderoso lobby das corporações, com seu discurso grandiloquente, mas nem sempre ético e a característica predadora dos monopólios da comunicação.

Rev. Observ.: Na Universidade/Colegiado em que desenvolve suas pesquisas, como as questões de formação/profissionalização são tratadas? Como você percebe o diferencial do que fazem em relação ao país?

Wilson Bueno: O meu grupo de pesquisa (Criticom – Comunicação Empresarial no Brasil: uma leitura crítica), já inclui, na sua própria denominação e no seu ânimo a análise a respeito da postura de acadêmicos e profissionais que estudam, pesquisam e praticam o Jornalismo Especializado e a Comunicação Organizacional/Empresarial, o que significa estar atento à sua própria formação. A minha produção acadêmico-científica e profissional está bastante marcada por uma proposta, que chega a ser contundente ou radical (radical vem de raiz e não me sinto incomodado de ser percebido assim por alguns colegas, por empresas etc) e comprometida com uma formação crítica que, como já indiquei em resposta anterior, é associada mesmo ao que denomino de “militância cívica”. Não assumo jamais uma perspectiva neutra com relação ao meu trabalho acadêmico e profissional e esta condição é facilmente percebida nos meus artigos, nas minhas reportagens, nas minhas falas.

Rev. Observ.: Como o(a) senhor(a) vê as recentes mudanças nas diretrizes curriculares? Percebe ganhos e perdas?

Wilson Bueno: Acredito que o debate e as decisões recentemente tomadas relativas às diretrizes curriculares fazem parte deste processo necessário de revisão da formação acadêmica e profissional. Preocupo-me, no entanto, com aqueles que apostam que o fortalecimento de algumas áreas possa ocorrer a partir de sua exclusão ou isolamento em relação a um universo maior (por exemplo, o jornalismo à margem da comunicação em seu sentido mais amplo) mas vejo que há uma boa vontade em favorecer o diálogo, o debate e promover mudanças. É importante que



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, Especial 2, outubro. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2Especial2p476>

continuemos a jornada, mesmo que tropeçando algumas vezes. Ficar parado, num mundo em frenética mudança, não é razoável.

Rev. Observ.: Quanto ao Estágio em Jornalismo, o(a) senhor(a) percebe espaço para ampliação da compreensão do trabalho do jornalista?

Wilson Bueno: Há sempre duas leituras possíveis com respeito ao estágio porque ele não pode ser percebido de forma descontextualizada, visto que, embora represente uma etapa importante do ponto de vista da formação do futuro profissional, deve ser avaliado também a partir do perfil atual da mídia brasileira, com seu corporativismo e seu comprometimento em relação aos grandes interesses políticos e econômicos. Quando encontro jovens jornalistas produzindo para alguns veículos (jornais, revistas, televisões, portais etc) notícias ou reportagens que são pautadas pelo departamento comercial e não pelas redações, questiono a essência dos estágios. Mas acredito que, bem definido, o estágio pode cumprir a sua função. É preciso estar vigilante e não cairmos na armadilha (o que já ocorreu) que sempre nos oferecem os grupos poderosos de comunicação, com suas chefias autoritárias, nada democráticas.

Rev. Observ.: Pensando no trabalho que executa de avaliação por pares em revistas acadêmicas, como o(a) senhor(a) esse processo?

Wilson Bueno: Ainda há desafios a vencer nesta tarefa e acredito que a subjetividade ainda prevalece em muitos casos. Incomoda-me, por exemplo, perceber que critérios como a não titulação dos autores (o que compromete jovens pesquisadores de talento) ainda são utilizados para a definição ou não da

publicação de seus trabalhos. Gênios, como Darwin, Einstein, entre outros, não teriam, a meu ver, chance com esta meritocracia respaldada unicamente em títulos acadêmicos. Não concordo com isso.

Rev. Observ.: Qual o papel que atribui a divulgação científica?

Wilson Bueno: A divulgação científica ocupa papel relevante no processo de democratização do conhecimento científico, mas infelizmente os centros produtores de conhecimento (universidades, institutos e empresas de pesquisa) dedicam pouca atenção a ela e chegam a contemplá-la preconceituosamente. Só recentemente, o currículo Lattes abriu espaço para o registro desta contribuição de estudiosos e pesquisadores mas divulgar ciência para o leigo ainda é pouco valorizado em nosso país. Há uma perspectiva elitista em vigor que privilegia, quase que exclusivamente, a interação entre os pares e discrimina o diálogo com a sociedade.

Rev. Observ.: Gostaríamos de um posicionamento seu sobre o processo de avaliação de publicações científicas, sobretudo revistas. Como você percebe esse processo? Avaliação alta quer dizer qualidade alta dos artigos?

Wilson Bueno: A avaliação é fundamental, mas ela deve ser pautada por critérios que fazem parte do estatuto da ciência, que não inclui o privilégio dos doutores em detrimento dos jovens pesquisadores e o preconceito em relação às publicações jovens. Mas reconheço que o processo de amadurecimento é difícil e muitas vezes nos surpreendemos fazendo parte deste jogo. Estou absolutamente convencido de que nem sempre vigoram critérios verdadeiramente "científicos" nessas avaliações e que o subjetivismo, o tráfico de influência, questões pessoais também fazem parte



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, Especial 2, outubro. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2Especial2p476>

deste processo. Somos imperfeitos nestas avaliações pela interferência da própria cultura acadêmica, pelo menos em nossa área (não conheço as demais) que valoriza títulos, egos, personalidades e é resistente a novas ideias, novas teorias e novas práticas. Por atuar em áreas que têm uma relação muito estreita com a realidade, com o mercado (Jornalismo Especializado e Comunicação Empresarial) sinto na pele o preconceito de alguns setores/personagens da comunicação que acreditam que é pecado, uma verdadeira heresia, debruçar-se sobre a prática profissional.